

LITERATURA E MEMÓRIA EM “ROUPA SUJA” DE MARTA COCCO: ABORDAGEM DE LEITURA DO GÊNERO CONTO

Kamila Araújo da Silva Bruniere¹
Waldiney Santana da Costa²

RESUMO: Tendo por base a materialidade da escrita de Marta Cocco na obra “*Não presta pra nada*” (2016), o artigo faz referência à importância do gênero no processo de formação leitora e analisa o comportamento social em relação ao silenciamento histórico da mulher, bem como, esta busca mudar realidade a qual se insere, pois a literatura é peça importante no processo de ensino e aprendizagem. Por meio dela, o leitor é capaz de sentir e viver sensações e sentimentos que servem de base para o processo de formação do indivíduo. Diante disso, no processo de formação, o mediador do ensino deve proporcionar práticas que contemplem tal ação. Nessa perspectiva, o conto, como gênero literário, se apresenta como meio de suprir a compreensão do próprio indivíduo, aliado a dinamicidade na leitura, fomentando o pensamento crítico advindo da análise do contexto histórico presente por traz da narrativa.

Palavras-chave: Literatura e memória. Leitura literária. Narrativas curtas.

LITERATURE AND MEMORY IN “ROUPA SUJA” BY MARTA COCCO: APPROACH TO READING SHORT NARRATIVE GENRE

ABSTRACT: Based on the materiality of Marta Cocco's writing in the book called “*Não presta pra nada*” (2016), the article makes reference to the importance of the gender in the process of reader formation and analyzes the social behavior in relation to the historical silencing of women, as well as, this search to change the reality in which it is inserted, because the literature is an important part of teaching and learning process. Through it, the reader is able to feel and experience sensations and feelings that serve as basis for the individual's formation process. Therefore, in the training process, the teaching mediator must provide practices that include such action. In this perspective, the short narrative as a literary genre presents itself as a way to supply the individual's own understanding, combined with dynamic reading, fostering critical thinking arising from the analysis of the historical context present behind the narrative.

Keywords: Literature and memory. Literary reading. Short narratives

Introdução

A literatura direciona-se ao processo de ensino e aprendizagem do leitor. Nesse sentido, esta passa a ser vista como caminho para diversas sensações que nascem por meio dos níveis

¹ Acadêmica de Mestrado no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários pela UNEMAT/ Campus Tangará da Serra-MT. Especialista em Alfabetização e Letramento. Professora de Língua Portuguesa e Literatura vinculada à Secretaria Estadual de Educação/ SEDUC-MT. E-mail: kamila.brunieri@unemat.br

² Acadêmico de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem pela UFMT/ Campus Cuiabá-MT. Mestre em Letras. Professor de Língua Portuguesa e Literatura vinculado à Secretaria Estadual de Educação/ SEDUC-MT. E-mail: waldineysantana@unemat.br

de leituras que dela se faz. A amplitude na leitura, se mantém viva à medida que se constitui parte integrante do leitor, que assimila as acepções e não as reduz ao fechar o livro ou desligar a tela de seu dispositivo de leitura. Para Lajolo (2012), as significações no leitor são acionadas a partir das vivências e histórias de leitura de cada um.

A busca por uma leitura literária que atenda às necessidades das instituições de ensino tem percorrido o tempo e a história. Percebe-se uma clara transformação dos aspectos sociais, pedagógicas e teóricos que dão base a esse espaço de leitura. O desafio do mediador da leitura, nesse sentido, é fomentar a prática desta, tornando-a atrativa e que conjugue com a realidade do leitor.

Em se tratando da escola como espaço para o estímulo à leitura, Coelho (2000, p. 20) ressalta que neste “[...] deverão ser lançadas as bases da formação do indivíduo”. Desse modo, as obras a serem trabalhadas com os alunos leitores devem servir de estímulo para o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações: a consciência do eu em relação ao outro e a leitura do mundo em seus vários níveis.

Nessa vertente, o mediador do ensino deve desenvolver práticas que contemplem a leitura não superficial e aponte caminhos para uma leitura que vise à provocação de sentidos e novas significações. O gênero conto, nesse sentido, é um dos tipos de textos apropriados para analisar temas de cunho social, como o preconceito e repressão vivida por mulheres na contemporaneidade.

Tal afirmação justifica-se pelo fato de que, além de ser um dos gêneros mais comuns da literatura brasileira, o conto se constitui por narrativas curtas, escritas em prosa e de maior interação em relação aos romances. Aliado a isso, possui linguagem acessível e dinâmica para os leitores. Sua estrutura dotada de elementos como foco narrativo, espaço, tempo e verossimilhança apresenta significações importantes para análise.

Nessa percepção, este “[...] cumpre a seu modo o destino da ficção contemporânea uma vez que as exigências da narração realista, os apelos da fantasia e as seduções do jogo verbal, ele tem assumido formas de surpreendente variedade”. (BOSI, 2015, p.17) Por se tratar, então, de um tipo de narrativa curta, condensa em suas linhas a intensidade de um romance de muitas páginas, mas não perdendo a essência e a genialidade de prender o seu leitor até o final de suas histórias.

O conto, portanto, exerce função privilegiada enquanto instrumento de leitura, visto que exemplifica situações vividas pelo homem contemporâneo. Diante da particularidade desse gênero literário, é possível perceber e encontrar diversos escritores que buscam, em suas

pesquisas, um pensamento crítico na sociedade leitora, com o fim de analisar e/ou identificar o contexto histórico presente a partir de características que se acentuam nesse gênero.

Esse tipo de narrativa permite que assuntos tais como silenciamento e violência contra às mulheres sejam mais aparentes, não de forma objetiva, mas por meio das camadas significativas que podem trazer à tona situações advindas dos contextos históricos decorrentes de uma criação machista.

Historicamente, no que tange ao papel de mulher em uma sociedade machista, a filha ao se casar deveria seguir os passos da mãe. (Aliás, já é treinada como tal). Se houvesse resistência, restava-lhe a vida religiosa ou o celibato. A mulher, ao sair da casa em que foi criada, não podia exercer nenhuma função, como trabalhar, estudar, mas deveria ser subalterna ao marido do mesmo modo como fora aos pais, não tendo vontade própria. (COULANGES, 1996)

Apesar de ser uma realidade já superada em muitas regiões, há ainda lugares em que a mulher tem sofrido por esse aspecto. Nesse sentido, a literatura, sendo expressão de sentimento se expressa por meio de narrativas, especialmente às do gênero conto, que permite ao leitor tomar consciência do retrato social desta, no que se relacionam às questões sociais já levantadas e, aponta o silenciamento desta frente à sociedade ainda predominantemente marcada pela presença do homem.

Em muitas sociedades, há um discurso de igualdade entre gênero que, aparentemente, combate o preconceito estrutural, mas, percebe-se um evidente o apagamento do protagonismo feminino em setores como em tomadas de decisão, lideranças, entre outros. Assim, narrativas literárias permitem a observação crítica da dominação masculina desde os séculos passados, bem como o sofrimento e preconceito em relação à mulher ainda presente na atualidade.

Ademais, os escritos de autoria feminina, apontam para temáticas da submissão e descrédito vivido por elas. Nessa vertente, a própria escrita em determinadas circunstâncias tem sofrido ataques e sendo considerada como algo inaceitável pela classe dominante. (NADAF, 1996)

Frente ao sistema patriarcal, Marta Cocco, em sua obra intitulada *Não presta para nada* (2016), apresenta personagens femininas como protagonistas de suas próprias histórias. Mostra, por sua vez, as multifaces da mulher, como retrato e voz para aguçar no leitor a sensibilidade e autocrítica referindo ao histórico de repressão e sofrimento vividos por personagens concretas historicamente.

Assim, passamos a construir análises a partir do conto em destaque, a fim de consolidar o papel da mulher e, evidenciar os desafios a elas enfrentados ao longo do tempo, observando

as marcas do trágico, da oralidade e da memória contidas na narrativa, bem como suas significações sociais.

“Roupa suja”: as multifaces da mulher, entre a história e a memória.

Quando se aborda narrativas literárias é possível rememorar tempos em que as pessoas se sentavam em roda para ouvir um bom caso, para escutar o outro, para apreciar uma boa história. A oralidade marcava iniciativas de conversas e, gravava na história cotidiana das pessoas. Os contos literários estreitam-se diretamente com a história da civilização até os tempos modernos. Praticada por pessoas comuns no cotidiano, a arte de narrar os fatos, de contar as histórias perde espaço no mundo moderno, em virtude da diversidade de aparelhos eletrônicos e do avanço da tecnologia.

Na modernidade, outras formas de narrar se constituíram com mais efetividade, como meios televisivos e digitais. No entanto, desde o advento da escrita, histórias são marcadas por meio do jornal impresso, redes sociais e o livro impresso. O leitor, nesse sentido, passou a ter outros meios de compreender o mundo, criando novos paradigmas. Em se tratando do leitor, a partir das narrativas curtas que, por essência, possuem elementos que as caracterizam e que respondem às questões estruturais como enredo, personagens, tempo, espaço, narrador, se utiliza desses aspectos importantes para o reconhecimento e o entendimento do texto narrativo, já que cada um desses elementos são fundamentais para o desenrolar das histórias lidas ou contadas.

Em uma rápida classificação, as narrativas podem ser divididas em gêneros literários épico, lírico e dramático que se decompõe em romance, novela, conto e crônica, entre outros, sendo cada um, apresentado com características distintas e estruturadas sobre particularidades que possibilitam ao leitor o deleite e a interação com o conteúdo. O conto é a designação de uma narrativa curta e se diferencia do romance e da novela por características estruturais e pelo tamanho, assim ao invés de representar o desenvolvimento ou o corte na vida das personagens, visando a abarcar a totalidade, “aparece como uma amostragem ou como um flagrante, pelo que vemos registrado literariamente um episódio singular e representativo.” (SOARES, 1993, p. 54)

Como narrativa linear, de maneira geral, não se aprofunda psicologicamente nos personagens nem nas motivações de suas ações. A psicologia e as motivações se explicam pela conduta dos próprios personagens. A finalidade desse tipo de ficção literária é narrar uma

história, podendo ser breve ou relativamente longa, mas obedecendo em ambos os casos a certas características próprias do gênero.

Neste estudo, abordaremos uma análise literária, observando-se a linguagem, marcas da oralidade e da memória que se estabelecem a partir de elementos constantes no conto “Roupa suja”, presente na obra *Não presta pra nada* (2016), de Marta Cocco. Tendo por base os elementos da narrativa e a observação do enredo, discorreremos sobre situações que se incidem ao trágico e, que representam a personalidade das personagens que se construí à medida que os fatos estão sendo narrados. Aliando à vontade em escrever literatura e a necessidade de exaltar a mulher em suas obras, Marta Cocco (2016) optou por trazer a mulher como protagonista nos treze contos pertencentes à obra em destaque.

Com uma escrita objetiva e linguagem fluída, a escritora vai tecendo os dramas vividos por suas personagens femininas, mesmo que inconscientemente. Logo na epígrafe da obra, a escritora já prepara e aguça o leitor sobre o que vem pela frente com uma citação de Paulo Leminski, “*repara bem naquilo que não digo*” (2016, p. 11), tendo como objetivo que o leitor fique atento ao olhar crítico que ela pretende apresentar de maneira implícita em cada conto do livro, dando pistas de que o que não está dito são as concepções que buscam humanizar o leitor.

Na obra em destaque, a escritora tece um conjunto de textos curtos, em formato de coletânea de contos, na qual personagens femininas exercem função de protagonistas de suas histórias. Estas, por meio da escrita, rememoram o passado e apresentam marcas dessa constituição em suas vidas cotidianas.

A mulher, historicamente, tem passado por diversas situações relacionadas à posição feminina e social. A literatura, como expressão de sentimento, por meio de narrativas, especialmente às do gênero conto, permite ao leitor mergulhar no retrato social do feminino, quando se refere à questões sociais já levantadas e, aponta para o silenciamento desta frente à sociedade ainda predominantemente marcada pela presença do homem.

É evidente que a mulher tem cada vez mais ocupado espaços em diversas esferas da sociedade, em contrapartida, nota-se que as funções a elas estabelecidas também aumentam à medida que precisam desempenhar multifunções, como ser mãe, estudante, trabalhadora e cuidadora do lar. São as multifaces da mulher frente à sociedade que cada vez mais consome energias e atribui responsabilidades a elas.

Para Beauvoir (2016, p.12) “a humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo”. Diante de toda essa repressão, as mulheres sentiram a necessidade de libertar-se, de fugir daquele sofrimento que

estavam condicionadas. E, assim, começaram a ir contra os desejos de seus pais e maridos e começaram a construir seus próprios territórios, lutar por seus direitos a fim de conquistar a tão sonhada igualdade:

Naquela época como nos dias de hoje, as mulheres clamavam por liberdade de direitos, de poderem viver a vida, sendo capazes de lutar e de buscar seus direitos e isso levou-as a promoverem movimentos de libertação, ocasionando com isso uma revolução cultural e modificando a estrutura familiar até então existente (COULANGES, 1996).

No universo literário, a escrita feminina tem atravessado desafios. As publicações escritas por Elas eram vistas como forma de transgressão, pois o seu papel era restrito ao lar. Qualquer coisa que saísse do mundo doméstico era inaceitável não apenas por toda a sociedade, mas também por familiares, amigos e todo o seu círculo social. Sendo assim, elas criavam pseudônimos para que pudessem publicar seus escritos sem ter que lidar com um convívio social turbulento.

Considerando a importância da discussão, a partir de análise crítica das narrativas em destaque, interseccionamos temáticas sociais e históricas que envolvem a obra e se estabelecem como quebra de padrões na produção literária e se materializam na escrita da autora, o que contribuiu diretamente na formação de leitores em idade escolar básica, bem como, para composição de referencial teórico para profissionais da educação, pesquisadores e amantes da literatura.

O conto “Roupa suja” discorre sobre a história de uma jovem que quando grávida sentia muitos enjoos. Como forma de distração, ela começa a lavar as roupas do bebê. (Roupas compradas ou ganhadas por amigos). A Mãe da gestante, porém, demonstra-se muito incomodada com as náuseas da filha e, com a iniciativa dela em lavar as roupas como forma de tratamento.

Diante disso, a Mãe manifesta sentimento de repúdio e tristeza em relação àquela situação. Faz uso de expressões para banalizar aquela atividade, questionando “[...] quem seria a pessoa que compraria ou ganharia uma roupa suja”. Uma espécie de desabafo! O que parece ser descaso, ao se aprofundar na narrativa, percebe-se que o silenciamento e o deslocamento da mulher como protagonista se evidencia. A mulher (mãe) nem ao menos poderia ter a expectativa de utilizar roupas para seu nenê. Um forte indício da dependência masculina e do apagamento do protagonismo da mulher.

Sequenciando a narrativa, a Filha, por sua vez, ao se aperceber a reação da pergunta sobre o porquê estaria a lavar aquelas roupas, bem como o motivo pelo qual tal ação incomodara sua Mãe ficou a pensar, guardando certa mágoa. (Talvez por pensar que a própria estivesse a

desdenhar de sua filha). De fato, ao ser questionada, até mesmo de forma ríspida pela filha, a velha Senhora revela que quando estava grávida (da filha) ela não teve a mesma sorte.

Entristecida diz que poucos dias antes do seu bebê nascer, pediu para a sogra que comprasse um tecido para fazer uma muda de roupa para a criança, pois ela iria nascer e ainda não teria nada pra vestir. O que chamou a atenção da Filha foi à reação da Avó Paterna, que com ênfase não quis comprar, afinal, eles deveriam esperar o nenê nascer para saber se ia vingar. (*Espécie de expressão tradicional para saber se a criança sobreviveria às tragédias comuns à época*).

Demonstrações como a acima citada, centram-se como marcas da oralidade e incidem em relatos de memória de grande parte da sociedade, especialmente, de gerações do século XX e, ainda teimam em existir em muitas comunidades já no século XXI. São registros de mães que não têm acesso à saúde de qualidade, que não realizam o pré-natal e, fazem o parto sem condições mínimas de segurança para a mãe e muito menos para o bebê.

Durante o conto é possível perceber vários aspectos trágicos que envolvem o enredo. Na primeira página da narrativa há uma discussão entre mãe e a filha grávida:

[...] Pra que lavar? Está tudo limpo! Ou você acha que alguém te deu roupa suja de presente? Não sei como uma criança pode ganhar tanto presente! O que será que significa isso? Significa que você precisa parar de me encher o saco, disse a mamãe para minha Vó, sem a menor paciência. (COCCO, 2016, p.31).

Nesse trecho percebem-se aspectos que demonstram fissuras nas relações familiares. A Filha fala de forma áspera com a Mãe, dizendo ter perdido a paciência e, como resultado preliminar, “vê” o choro da mãe. Diante disso, pode-se estabelecer uma relação de ação e reação baseado nos aspectos trágicos da obra como fator social, hierárquico e emocional, afinal trata-se de uma fala de uma filha para uma mãe. Nesse caso, invertem-se as posições em uma quebra de estrutura familiar.

Outro aspecto trágico bem presente no conto é quando a Mãe pede para a Sogra que comprasse um pedaço de tecido para costurar algumas roupinhas para a criança que estava prestes a vir ao mundo, p ainda não tinha nada pra vestir. A reação da Sogra, porém, com ênfase em não querer, já que a criança poderia não vingar foi um choque de realidade. Ademais, uma evidência de oralidade em expressão tradicional para saber se a criança sobreviveria às tragédias comuns à época.

[...] Nona, pede pro nono comprar um tecido na venda, a criança vai nascer e não tem nem uma roupinha ainda, quero costurar nestes dias que não estou indo na roça. que minha bisavó respondeu com severidade: calma, espera

nascer primeiro. Vai que não vinga, pra que botar dinheiro fora?! (COCCO, 2016, p. 32).

Esse trecho revela as condições em que nasciam as crianças na época, sem nenhuma infraestrutura adequada para a mãe durante a gestação e muito menos ao bebê que gestava. Em consequência disso, havia uma falta de esperança ou expectativa da comunidade como quem o destino que conspirasse contra eles, sendo comuns os altos índices de mortalidade infantil e das puérperas, evidenciando uma marca sólida de uma tragédia.

Nessa vertente, adentrando na narrativa de Marta Cocco, a personagem Mãe conta à Filha que quando estava vindo embora do país, fugindo da guerra, um de seus filhos adoeceu na viagem e por falta de recursos, logo veio a falecer. Depois disso, a Mãe converteu-se em profunda amargura.

Após ter revelado todas essas lembranças, a Filha, enfim, entendeu que a Mãe deveria ficar impressionada com o tanto de presentes e roupas que a criança ganhara. Não se tratava de falta de apreço, era, pois, apenas mais uma marca sólida do trágico evidenciado na narrativa.

A observação dos aspectos relativos à memória na literatura tem sido de fundamental importância para que o indivíduo se reconheça como partícipe da história que o cerca. Nesse sentido, o processo de efetivação conceitual acima se relaciona a fatos e feitos que remetem ao leitor épocas vividas em suas trajetórias de vida. Por esse viés, a memória trata-se do armazenamento de informações e situações obtidas por meio de vivências ouvidas ou vividas. Tem relação direta com a aprendizagem que é a obtenção de novos conhecimentos, pois utiliza de informações gravadas no cérebro.

Cotidianamente, a memória do indivíduo é acionada a partir da relação conjunta entre o que está ocorrendo no presente e suas manifestações com o passado. (ZUMTHOR, 1997) Dessa forma, o que está gravado rememora com a ativação das lembranças e, em determinadas situações, surgem como fonte de explicação para um determinado fato.

Nessa perspectiva, pode-se compreender que, na literatura, a memória tem um papel de destaque, pois é formada a partir de uma arte, de modo artesanal, em que o sujeito recorta, seleciona, desenha a recordação por meio de condições subjetivas. Ademais, a memória, conceitualmente, no aspecto literário, surge procurando guardar o passado, e por meio da história e do conhecimento, buscando-se estudar o presente, para se compreender o futuro.

Os estudos literários favorecem a percepção de memória sobre o escopo de se reconhecer a si, e de sua constituição enquanto leitor. É o que ocorre, por exemplo, no conto em análise. Citamos como suporte a própria dedicatória de seu livro, na qual Marta Cocco, como mediadora das narrativas, relata as memórias de um passado em que poucas mulheres

tenham a oportunidade de aprenderem a ler e escrever, inclusive em sua própria família. E, as narrativas são tecidas aliadas a própria forma de comunicar-se, com marcas expressivas da oralidade e retratos e incidências de memória.

O conto analisado constitui-se de um enredo que envolve a vida de três mulheres (Mãe, Filha e Neta). Assim, se empregam os conflitos históricos de gerações. E, conhecê-los tornam-se indispensáveis, à medida que a trama evolui. Medos, lembranças, fatalidades são frutos que se instauram na formação genealógica da família e, são rememoradas ao passo que se tecem novas histórias. A narrativa é contada pela perspectiva da Neta, terceira geração, que relata o sofrimento que sua Bisavó passou ao se mudar para o Brasil. Rememora que durante a trajetória da Avó, ela tenha perdido um filho. Diante disso, entende que a velha senhora não conseguira externar o amor, ou seja, em demonstrar sinais de afetividade aos demais membros da família, entre eles filhos e netos.

Nas primeiras linhas do conto, percebe-se que este se baseia em concepções ou recordações vividas pela narradora, pois ela reconta uma situação vivenciada por sua mãe quando ainda era criança. “Eu era pequena, nem de colo. De barriga ainda. Minha mãe estava naqueles dias de enjoo e aceitou o conselho de uma amiga. [...] Significa que você precisa para de me encher o saco, disse a mamãe para a minha Vó, sem a menor paciência.” (COCCO, 2016, p. 31).

Adiante no conto, a narradora, que no caso é a Neta, revive, outra memória que tem das histórias da Bisa. “[...] eu nem dou bola pras tuas malcriações, eu chorei por outra coisa. E contou pra mamãe, que mais tarde me contou” (COCCO, 2016, p. 32). Um dos relatos de memória mais tristes retratadas no conto, foi quando a Neta expõe como foi a morte de uns dos filhos de sua Avó, jogado no mar. Segundo a narradora, o menino adoeceu na viagem de navio enquanto seus pais vinham embora para outro país, fugindo da guerra. A menina retrata a tristeza vivida pela velha senhora:

[...] E teve o episódio do navio, que diz que a Bisa converteu em amargura infinita. Um dos meninos adoeceu na viagem e teve de ser jogado no mar. Já não bastava o pai morto na guerra. Dois dos seus sem o devido enterro, com as almas a perambularem noites afora... (COCCO, 2016, p. 33)

Nesse relato, além do emprego linguístico de figuras de linguagem, termos, expressões usuais da oralidade se relacionam ao tempo. A lembrança grafada por lágrimas da Avó consolida a história de uma guerreira, que se aventura mar adentro em busca de sobrevivência. Que talvez tenha conseguido um futuro melhor para as próximas gerações, mas que sua alma sofrida é

revelada na memória e ainda lhe faz sofrer. O conflito de gerações se estabelece ao passo que a Neta replica a fala da Mãe opondo-se a da sua avó:

[...] Minha avó, afetadíssima pelas náuseas da mamãe, não acertava uma. Sempre dizia uma frase que piorava a situação. Pra que lavar? Está tudo limpo! Ou você acha que alguém te deu roupa suja de presente? Não sei como criança pode ganhar tanto presente! O que será que significa isso? Significa que você precisa parar de me encher o saco, disse a mamãe para a minha Vó, sem a menor paciência. (COCCO, 2016, p. 31)

Dessa forma, explicita-se a posição do sujeito na narrativa, de como este se encontra na trajetória e na evolução dos tempos. A nostalgia, o sentimento de revolta, de perda são claramente sinais de mudança e de percepção de mundo, mas a dor conflituosa permanece no peito da Avó.

Atrelado a isso, percebe-se outro aspecto bastante presente da memória. A narrativa se consolida em junção de três gerações, nas quais cada uma tem uma representatividade de seu lugar, uma mais omitida, no caso da Avó e outras, mais atuantes. O Conto transcreve de forma objetiva a costura entre as gerações. A autora, como uma colcha de retalhos crava a personalidade, costurando histórias de vida que teimam em retroceder, como a criação de filhos que para uma geração anterior a concepção vem sem muitos arranjos e presentes e à medida a que o tempo passa, começam se os preparativos.

Nessa ótica, a narradora tece histórias tal qual um artesão tece sua manta, com marcas e lembranças, ou seja, com retalhos do passado, para se compreender o presente e projetar um futuro. A Avó dizia que a criança já teria ganhado bastante coisa para compor seu enxoval, porém, a senhora queria deixar um legado, ou seja, que a Neta tivesse uma lembrança dela.

Não tem como não emendar essa história na história das minhas roupinhas. Sempre lembro disso quando vejo a colcha de fuxico estendida na cama. Minha vó fez pra mim. Dizia que eu tinha ganhado bastante coisa, que nem era necessário, mas que queria me deixar uma lembrança, porque poderia ir-se embora antes de eu nascer e daí eu não saberia eu tinha uma avó que costurava, que era prendada, essas coisas... (COCCO, 2016, p. 32)

Enfim, torna-se essencial analisar as narrativas que evidenciam traços de memória presentes na literatura, pois os fatos vividos/narrados dialogam com as novas maneiras de entender o tempo e a realidade. Afinal, contador de histórias é aquele que detém na memória o conhecimento das situações vividas.

Sendo assim, a Neta, narradora do conto “Roupa Suja”, guardou as situações que ouvia da Mãe e construiu a sua identidade enquanto representatividade da sua família. Além disso, fica evidente que se tem um processo de mudança da humanidade presente quando se observa

pela ótica da Bisavó em que os costumes e tradições comuns vividos por sua filha causam estranhamento e incômodo quando impregnado nos sentimentos e visão de mundo da idosa.

Como dito, o conto possui um caráter universal, por tratar de temas cotidianos relacionados à condição humana, e ao mesmo tempo particular, uma vez que este carrega marcas individuais do contador que o reproduz. Desse modo, é uma ótima ferramenta de mobilização de leitura. Observa-se que a literatura, portanto, além de promover a apreciação do deleite por meio da manifestação artística, tem por expressão conduzir ao leitor a inspiração de se reconhecer a partir dos fatos narrados, que se misturam entre a emoção e a razão.

Considerações finais

A partir dessa breve análise literária, percebemos que quando se estimula o leitor como parte principal, a obra passa a ter sentido no modo em que este vê o papel da literatura, tanto pelo aspecto artístico de manifestação da arte, quanto para com o meio de humanização social. A literatura, por meio de suas camadas significativas permite a reflexão do indivíduo para com o ambiente ao qual está inserido, atuando como um direito indispensável para a humanização, à construção da cidadania, podendo ser vista como um ponto de apoio na elaboração da singularidade de todo o indivíduo. (CANDIDO, 2004)

Portanto, o ambiente escolar deve conceber a leitura literária como objeto não somente de apropriação de língua e de acesso ao conhecimento, mas principalmente como aparelho para reflexões e extensão de horizonte. A leitura deve se caracterizar como um ato de posicionamento diante das coisas, mas sua leitura será independente.

Os desafios no processo de formação de leitores são contínuos. Desta feita, é preciso que o mediador apresente possibilidades ao leitor de forma a cativar o exercício mental a partir de múltiplas significações, por meio da leitura que provoque os sentidos e insira as questões contemporâneas.

Desse modo, o conto “Roupa suja” de Marta Cocco, por meio das trajetórias de três gerações de mulheres, evidencia a trajetória e a evolução dos tempos de cada personagem, retratando suas angústias, tristezas e situações de sofrimento e repressão vividos. Ao analisar a obra, tornam-se evidentes aspectos relativos à memória literária que, quando aliados à literatura, se tornam importantíssimos para que o indivíduo que lê se identifique como parte da história que leu. E assim, a lembrança se concretiza diante dos feitos rememorados pelo leitor.

O conto como estratégia de leitura estimula o público leitor, permite que este viaje pela história e, se empreenda na busca de novos sentidos que os textos permitem aferir. Nesse

sentido, a obra de Marta Cocco, “Não presta pra nada”, tem sido uma ótima ferramenta para apreciação de leitura que faça sentido ao cotidiano do aluno, pois trata de histórias vivenciadas por muitos e por suas famílias e, acima de tudo compõem nossa trajetória de vida.

Salienta-se que o incentivo à formação do leitor deve ter primazia no prazer do ato de ler. Assim, a utilização do gênero conto, como narrativa curta nasce da relação que se estabelece com seu leitor e a obra, convertendo-o em um ser crítico perante sua circunstância. Tal aptidão crítica permite ao leitor discernir a recepção da materialidade ficcional e, de que modo está pode atingi-lo, buscando a reflexão sobre si mesmo e, ainda, para o sentido lúdico e do encanto.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**, v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BOSI, A. **Entre a literatura e a história**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2015.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: Vários Escritos. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul/Duas Cidades, 2004

COCCO, Marta Helena. **Não presta pra nada**. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, 2016.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil, teoria análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COULANGES, F. de. **A Cidade Antiga: estudos sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia e de Roma**. São Paulo: Hemus, 1996.

LAJOLO, Marisa. A literatura no reino da linguagem. In: REYES, Yolanda. *Ler e brincar, tecer e cantar: literatura, escrita e educação*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

MACHADO, Roberto. **O Nascimento do Trágico: De Schiller a Nietzsche**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.

NADAF, Yasmim Jamil. **Literatura mato-grossense de autoria feminina: séculos XIX e XX**. In: Anais do VI Seminário Nacional Mulher e Literatura. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

SOARES, A. **Gêneros literários**. São Paulo: Ática, 1993.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e História da Literatura**-3ª ed. Porto Alegre: Editora UniRitter, 2015.

ZUMTHOR, Paul. **Tradição e Esquecimento**. Trad. Jerusa Pires Ferreira & Suely Fenerich. São Paulo: Hucitec, 1997.